

## ENTREVISTA

# SEMENTES DE OUTUBRO

## ENTREVISTA COM MICHAEL LÖWY

Angelo José da Silva  
Universidade Federal do Paraná

### RESUMO

*Nesta entrevista, Michael Löwy faz um balanço da Revolução de Outubro de 1917, apontando para a necessidade de se recuperar a experiência da Revolução Russa e acrescentar a ela novas perspectivas para uma transformação revolucionária do futuro. Livre de certos dogmatismos, o autor chama a atenção para o potencial transformador dos novos movimentos sociais — o movimento feminista, o movimento ecológico, a luta pelos direitos humanos etc. —, além das diversas propostas de socialismo, buscando atualizar uma alternativa revolucionária.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Revolução Russa; socialismo; marxismo no século XX; neoliberalismo.*

Oitenta anos depois da Revolução de Outubro de 1917, o que é que resta deste evento fundamental da história do século XX? Para o conformismo liberal ambiente, tudo não foi senão erro, ilusão absurda, desvio histórico em relação à norma, catástrofe inevitável.

Entretanto, do ponto de vista dos oprimidos, das classes dominadas, dos trabalhadores, a Revolução de Outubro foi e continua sendo um exemplo e uma fonte de inspiração permanente, como primeira grande tentativa de romper com as estruturas opressoras do sistema capitalista, a primeira tentativa, em escala histórico-mundial, de derrubar do poder as oligarquias feudais e capitalistas, e de avançar em direção ao socialismo. Como escreveu em 1918 Rosa Luxemburgo — em sua brochura *A Revolução Russa* — o que ficará da política dos bolcheviques, das iniciativas de Lênin, Trotsky e seus amigos “é o mérito imperecível na história de ter se colocado à cabeça do proletariado internacional conquistando o poder político e colocando na prática o problema da realização do socialismo, assim como ter poderosamente avançado a luta pela vitória do Trabalho sobre o Capital no mundo. Na Rússia o problema só podia ser colocado: ele não podia ser resolvido na Rússia. E é neste sentido que o futuro pertence no mundo inteiro ao ‘bolchevismo’”.

A utopia revolucionária de Outubro de 1917,

o sonho dos comunistas russos de dar os primeiros passos para uma sociedade sem classes e sem dominação, igualitária, livre e fraternal, não perdeu sua atualidade. Ao contrário, ela é mais do que nunca uma referência necessária para os que buscam uma alternativa ao totalitarismo capitalista que domina, como nunca na história da humanidade, neste final de século.

Entretanto, é não menos indispensável desenvolver uma visão crítica do que foi a política dos bolcheviques no poder: ao limitar a democracia, colocar fora da lei os outros partidos (inclusive da esquerda), reduzir o espaço de liberdade de expressão, esvaziar os *soviets* de qualquer poder real e impor um regime autoritário, os revolucionários cometeram um erro trágico. Sua prática facilitou o desenvolvimento da burocracia no seio do partido dominante e do Estado, Golem monstruoso que acabou por destruir os próprios bolcheviques e estrangular a revolução. A falta de democracia permitiu à camarilha burocrática, representada por Stalin e seus amigos, monopolizar o poder e estabelecer um Estado totalitário, responsável pela exterminação dos revolucionários de 1917 e por alguns dos piores crimes contra a humanidade no século XX.

Este perigo já havia sido previsto, com extraordinária lucidez, por Rosa Luxemburgo, no mesmo texto de 1918 já mencionado: “Sem

eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa e de reunião, sem luta livre entre as opiniões, a vida morre em todas as instituições públicas, ela se torna uma vida aparente, onde a burocracia é o único elemento que continua ativo. [...] Se estabelece assim uma ditadura, mas não a ditadura do proletariado: a ditadura de um punhado de chefes políticos, isto é uma ditadura no sentido burguês [...].”

A queda do muro de Berlim e a dissolução da URSS foi o fim do sistema burocrático estabelecido por Stalin e seus herdeiros. A tragédia para a esquerda não é tanto o derrocamento de regimes autoritários, sem legitimidade democrática, que representavam uma triste caricatura do “socialismo”, mas o fato de que a vitória democrática dos trabalhadores foi rapidamente confiscada por camarilhas neo-capitalistas — no caso da Rússia, por verdadeiras máfias neo-burguesas — que destruíram o pouco que ainda restava das conquistas de Outubro de 1917. O restabelecimento do capitalismo nestes países — que ainda está longe de se completar, porque encontra com enormes dificuldades — representa uma efetiva regressão social para milhões de trabalhadores. Assistimos hoje em vários Estados “ex-socialistas” — em particular na Rússia — a uma espécie de “latino-americanização” sorrateira: dívida externa astronômica, políticas de austeridade impostas pelo FMI, privatizações em grande escala, destruição de conquistas sociais, crescimento vertiginoso do desemprego e da criminalidade.

Apesar do que se pode ler todos os dias na imprensa conformista, nos meios de comunicação controlados pelo capital e na palavra dos ideólogos da ordem neoliberal estabelecida, a utopia revolucionária está longe de ter desaparecido. Após um período de desorientação e perplexidade, no começo dos anos 90, assistimos hoje aos primeiros sinais de um ressurgimento das idéias críticas, do marxismo, do pensamento socialista, entre intelectuais, estudantes, sindicalistas e militantes de movimentos sociais, seja na Europa, nos Estados Unidos ou na América Latina.

Construir a utopia social de nossa época, preparar o socialismo do século XXI implica não perder de vista as preciosas sementes de

Outubro de 1917. Mas não se trata de reificar dogmaticamente uma referência histórica. Temos que aprender com todas as experiências revolucionárias, desde a Comuna de Paris de 1871 até o levante zapatista de 1994, passando pelas tentativas da Revolução Alemã de 1919, pelas iniciativas anarquistas na Espanha de 1936-1937, pela Revolução Cubana de 1960-1961.

Existe também uma imensa riqueza do pensamento crítico, fora dos moldes estreitos do pseudo “marxismo-leninismo”, que deve ser recuperada para a renovação da teoria revolucionária: desde os socialismos utópicos, românticos e libertários do século XIX, até os grandes revolucionários — Lênin, Rosa Luxemburgo, Trotsky — e os marxistas “heréticos” do século XX: Gramsci, Lukács, a Escola de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, Benjamin, Marcuse), Henri Lefebvre, Ernst Bloch, Guy Debord.

As novas utopias revolucionárias que aparecerão no século XXI serão também inspiradas pela prática e pela reflexão dos movimentos sociais dos últimos anos: o feminismo, a ecologia, as lutas democráticas e pelos direitos humanos, a teologia da libertação. A ecologia, em particular, representa um desafio fundamental, que exige uma ruptura da esquerda com muitos de seus esquemas ideológicos tradicionais: produtivismo — culto do “crescimento das forças produtivas” —, ideologia linear do “progresso”, visão acrítica da modernidade industrial. O mesmo vale, em outro terreno, para o desafio feminista ao modo patriarcal de ação política e ao andro-centrismo de amplos setores da esquerda.

Face à globalização capitalista, ao domínio sem precedentes do grande capital financeiro sobre o conjunto do planeta, à lógica infernal de degradação social promovida pelo neoliberalismo, à ditadura ideológica do “pensamento único”, à destruição catastrófica do meio ambiente produzida pela feroz competição dos capitais, a necessidade de uma alternativa radical se torna cada vez mais urgente. Uma alternativa que não pode ser senão socialista, democrática, libertária, ecológica, feminista, humanista e revolucionária.

Nascido em São Paulo, em 1938, Michael Löwy estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) e doutorou-se na Sorbonne sob orientação de Lucien Goldmann. Vive em Paris desde 1969 e é autor de vários livros, dentre eles, *La théorie de la révolution chez le jeune Marx* (Maspero); *Método dialético e teoria política* (Paz e Terra); *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários* (Ciências Humanas); *Ideologias e ciência social* (Cortez); *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen* (Busca Vida).

Angelo José da Silva (angelo@coruja.humanas.ufpr.br) é Mestre em Ciência Política na UNICAMP e Professor de Ciência Política da UFPR.

